

OVENDEN, Richard. *Burning the Books: A History of Deliberate Destruction of Knowledge*. Cambridge: Harvard University Press, 2020. 308 p.

Danilo Mendonça<sup>1</sup>

O britânico Richard Ovenden possui grande experiência na área de preservação do conhecimento humano.

Diretor responsável pelo sistema bibliotecário da Universidade de Oxford, na Inglaterra, Ovenden tem uma vasta carreira dedicada às boas práticas dos cursos de biblioteconomia. Trabalhou nas bibliotecas da Universidade de Durham e de Edimburgo, na Biblioteca Nacional da Escócia e é membro de instituições britânicas de preservação da memória, como a Digital Preservation Coalition (DPC) e da Society of Antiquaries of London (SAL).<sup>2</sup> Apesar de toda sua trajetória profissional ter se dedicado à preservação, ao escrever *Burning the Books: A History of the Deliberate Destruction of Knowledge*, Ovenden inverte seu papel e estuda o maior pesadelo de um conservacionista do conhecimento, debruçou-se sobre a destruição dos livros e do conhecimento ao longo da História.

Publicado nos Estados Unidos pela *Harvard University Press*, em setembro de 2020, *Burning the Books*, faz um panorama pelos perigos que instituições responsáveis pela guarda de memória passaram. O livro é composto por quinze capítulos. Cada um deles, carrega um tema que envolve a perda do conhecimento, tendo como foco central os livros ou instituições como bibliotecas e arquivos. Para iniciar sua linha do tempo, Ovenden remonta a

<sup>1</sup> Graduando em História pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Contato: danielomendonca999@gmail.com.

<sup>2</sup> A primeira, fundada no ano de 2009, busca criar metidas públicas que garantam a preservação da memória produzida na internet. A segunda é uma das mais antigas instituições de fomento a cultura e a memória na Inglaterra, estabelecida em 1701.

descoberta, no século XIX da Biblioteca de Nínive, realizada pelo britânico Austen Layard, que através das placas cuneiformes compostas por argila, percebeu a existência de um grande local que foi basal para a guarda do conhecimento do Império Assírio. Composta por mais de vinte e cinco mil papiros, entre documentos que tratam de religião, tratados médicos e literatura produzida na antiguidade do Oriente Médio, passou a ser considerada a mais antiga biblioteca do mundo.

No capítulo seguinte, é realizada uma reflexão sobre a Biblioteca de Alexandria. O que sabemos, entre mitificação e os estudos acerca do grande centro do conhecimento do mundo antigo até sua perda que deixa um vácuo inimaginável e lacunas que perduram até os dias atuais para a constituição da ciência, Ovenden exalta o fato de ao menos termos como norte um local de guarda – independente de sabermos ou não, qual seu volume. Apesar do foco do livro ser a destruição, tanto quanto a Biblioteca de Nínive e Alexandria, terem sido mencionados logo ao início do livro, percebemos o principal traço da formação acadêmica de autor: a importância da preservação a partir do bibliotecário. Embora sejam exemplos de instituições que não conseguiram atravessar séculos e chegarem aos tempos contemporâneos, durante seu período histórico, foram locais de referência, de guarda e de preservação.

Chama a atenção do leitor, a tônica que Ovenden coloca sobre o tópico do apagamento do conhecimento, ao atrelá-lo com seu ato antagônico, o registro. Detona-se assim, a busca pela guarda do conhecimento, que ao antepasso da destruição, é uma condicionante da tensa relação do homem com a produção da ciência – coexistindo hordas que incitam destruição e outros grupos buscando garantir a sua preservação – principalmente em contextos de governos autoritários e negacionistas.

O autoritarismo presente na História, também é assunto que faz o autor debruçar-se para mostrar a relação dos regimes políticos com a constituição

e preservação da memória. Os constantes arrojos autoritários, sob a perspectiva proposta pelo autor, são esmiuçados a partir da observação histórica em eventos como o nazismo.

O movimento hitlerista que, de pouco a pouco, tomou o controle da então democrática República de Weimar e instalou um regime fascista que perdurou de 1933 até o fim da Segunda Guerra Mundial, encontrou nos livros e no conhecimento uma barreira de resistência ao projeto de Hitler e seus asseclas. Ancorado em pesquisas, Ovenden chama atenção para a estimativa de que cem milhões de livros foram queimados pelo regime nazista durante os doze anos que ficaram no poder.

Apesar de todo o conhecimento perdido, o autor demonstra que os livros foram uma forma de resistência dos judeus durante a ascensão do regime, como maneira de preservar sua memória. Ao olhar a centralidade do livro sagrado dos judeus, o Torá, para a constituição da comunidade judaica, Ovenden explicita os esforços que foram feitos pelos judeus para guardar livros. Alguns foram forçados pelos nazistas a catalogarem os livros que seriam destruídos pelo regime – e muitos arriscaram as próprias vidas para tentarem salvar as edições que nazistas possuíam o desejo de incinerá-las. O hercúleo envio dos materiais judaicos para outras partes da Europa e para os Estados Unidos para o autor, foi uma forma de existir a contragosto sanha nazista de extinguir o pensamento judeu da cultura humana.

Outro ponto colocado ao centro do debate é a guerra como sujeito de ameaça à preservação de bibliotecas e de institutos de arquivos. Para explicitar sua teoria, o autor escolhe o caso da Guerra da Bósnia na década de 1990, que assolou parte do leste europeu. Localizada em Sarajevo, a biblioteca nacional e universitária da Bósnia e Herzegovina abrigava, mais de um milhão e meio de itens, como manuscritos, documentos, livros e fotografias. No complexo contexto que envolveram três grupos étnicos-religiosos entre bósnios muçulmanos, os croatas católicos romanos e sérvios

cristãos ortodoxos, a tomada da biblioteca da Bósnia tornou-se central, na disputa ideológica da batalha. Devida sua forte rejeição ao pensamento muçulmano, o governo sérvio deliberou um ataque contra a instituição nacional de memória, buscando aniquilar a presença do pensamento muçulmano e atingir a memória do povo.

Embora o avanço nazista nas décadas de 1930 e 40 e a Guerra da Bósnia não estejam intrinsecamente conectados, uma característica manteve-se nos dois períodos de escalada do terror, o aniquilamento do direito da memória e a produção intelectual do ‘inimigo’, ao que seu alvo escolheu como alvo. Acabar com a memória, torna-se uma estratégia de apagamento dos crimes cometidos e tem como alvo final o esvaziamento do próprio ‘inimigo’, tornando o lugar do registro, um vazio.

O esforço de Ovenden de realizar o estudo de uma história em que a destruição do conhecimento seja seu instrumento de reflexão, o livro possui limites. As escolhas do autor para citar os exemplos de destruição possui, em certa medida, um olhar eurocêntrico. Dos acontecimentos citados, o continente europeu corresponde à 75% dos eventos. Exceções são menções à Ásia – como o caso da Biblioteca de Nínive e as documentações no contexto da invasão estadunidense no início do século XXI no Iraque – e um ataque operado pelo Império Britânico no Capitólio que atingiu a Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos, no ano de 1814. A América Latina é deixada de lado pela abordagem de Ovenden. Embora a região do continente americano tenha sofrido importantes baixas e perdas de memórias ao longo de sua história, a região ficou à margem da discussão levantada pelo autor. Podem-se citar casos como os terremotos ocorridos na Nicarágua que afetaram a Biblioteca Nacional Rubén Darío ou as queimas de códigos de Maia ordenadas pelo bispo católico Diego de Landa durante a inquisição no México.

Embora a opção por deixar lacunas na questão latino-americana, são feitas críticas duras aos países europeus, que aproveitaram de seus tentáculos coloniais e usurparam parte de sua produção intelectual para recheiar seus museus, bibliotecas e arquivos. Por um lado, o autor reconhece o fato de materiais terem sido preservados pelo continente europeu, no entanto, considera que a remoção do conhecimento do passado de uma comunidade pode impedir o seu desenvolvimento. Isso ocorre porque o passado pode ser manipulado por grupos políticos e a identidade nacional pode estar em risco devido ao acesso comprometido (OVENDEN, 2020, p. 180-181). O autor ainda, sinaliza que é necessária para a emancipação dos países o acesso a sua massa documental:

Muitas das antigas colônias das potências europeias tornaram-se países independentes já há muitas décadas, e alguns deles permanecem preocupados que sua história continue trancada em arquivos estrangeiros. É vital que as comunidades de onde estes materiais foram removidos possam assumir novamente o controlo da narrativa da história." (OVENDEN, 2020, p. 181).<sup>3</sup>

Ao encaminhar-se para o fim do livro, Ovenden demonstra preocupação em relação a memória da documentação produzida de maneira digital e pondera a maneira que será armazenada esse monumental volume de produção diária. Entre os exemplos de destruição de documentos no meio digital, são citados, o fechamento de redes sociais como o Google + e o My Space, além da retirada em massa de vídeos da Guerra Civil Síria da plataforma YouTube. Para Ovenden, o poder das bigtechs são maiores do que as dos órgãos de conservação, e suas finalidades são diferentes.

Os arquivos e bibliotecas foram criados com o intuito de garantir a guarda e preservação de documentos para a posteridade, enquanto as bigtechs foram inventadas na lógica de mercado, a do lucro. O fechamento

<sup>3</sup> Tradução livre de "Many of the former colonies of the European powers have been independent countries for many decades, and some of them remain concerned that their history continues to be locked inside foreign record stores. It is vital that the communities from which these materials have been removed should be allowed to take control of the narrative of history once again."

de redes sociais parte por essa via. A massa documental que se perde durante o fechamento de uma rede social em que milhões de pessoas trocaram mensagens de texto, fotos, vídeos é enorme e perde-se para sempre, pois o lucro é a função principal dessas companhias. Se as redes param de ser usadas e suas receitas diminuem, não é esperada a responsabilidades das empresas de *bigtech* por garantir essa memória.

Em outubro de 2023, em sua coluna no jornal *Folha de S. Paulo*<sup>4</sup>, o jornalista, Ruy Castro, chamou atenção para um caso nos Estados Unidos que dialoga com as preocupações de Ovenden. No ano de 2009, a Amazon, tirou de seu catálogo no *Kindle*, o e-reader da companhia, o livro *1984* do britânico George Orwell, mesmo tendo vendido o livro para seus consumidores. A situação gerou uma série de reclamações e de perdas das anotações que os leitores haviam feitas sobre o livro. *1984* retornou aos aparelhos, porém, as marginálias foram perdidas. Por ironia do destino, o romance de Orwell tem como personagem central, o Grande Irmão, entidade ditatorial que controla, altera o passado e emite uma série de censuras com quem ouse questionar sua autoridade.

A preocupação que une Ovenden e Castro – e por que não, Orwell? – é sobre o controle do passado e a garantia dessa memória. O livro acerta em questionar os limites do atual contexto em que estamos inseridos de cunho ético, a relação entre vida privada e pública e o peso em que o Estado e a iniciativa privada ocupam atualmente. Apesar dos limites, são elogiadas pelo autor, iniciativas como o *Waybak Machine*, que busca maneiras de preservar sites da internet. Elogiando iniciativas como as do *Wayback Machine*, o autor se posiciona criticamente ao monopólio das *bigtechs* sobre os documentos na rede, parecendo cético em relação a uma mudança de postura das empresas e incentiva maior investimento por parte das bibliotecas nacionais

---

<sup>4</sup> CASTRO, Ruy. Tente apagar um papiro. 2023. *Folha de S. Paulo*. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/ruycastro/2023/10/tente-apagar-um-papiro.shtml>>. Acesso em: 17 de outubro de 2023.

e esforços do Estado para garantir que a memória seja de fato resguardada. Com esse posicionamento crítico, seu esforço soma-se com o de intelectuais como o historiador Robert Darnton, que após um embate com a digitalização oferecida pelo Google à Universidade de Harvard, enquanto bibliotecário-chefe da instituição chocou-se com os interesses mercadológicos da empresa de *bigtech* (DARTON, 2010, p.16-33) e passou a incentivar iniciativas públicas de guarda de memória, como a Biblioteca Digital Pública dos Estados Unidos.

O livro de Richard Ovenden é um estudo sólido e debate questões atuais. Ao realizar o panorama histórico através da destruição do conhecimento histórico, o autor emite sinais de cautela sobre os algozes da memória. O alerta feito pelo autor em relação aos ataques às instituições de conhecimento mostra que é preciso estar atento aos atores e meios que estes podem utilizar para deliberarem destruir a memória.

Embora mudem-se os atores e seus meios de ataque ao conhecimento, o livro torna-se aliado no combate aos ataques a arquivos, bibliotecas e ao uso do passado. Ao olhar para esse recorte histórico é possível ver inimigos mais estrondosos como os nazistas que armaram fogueiras com livros nas praças públicas de Berlim ou os ataques deliberados realizados pelos sérvios quando atacaram a biblioteca nacional da Bósnia. Há outros que agem de maneira sorrateira, tentando não chamar atenção da opinião pública. Atuam de modo soturno. Nessa segunda categoria silenciosa se encontram as companhias de *bigtech* que promovem apagamento deliberado de uma série de documentos da rede mundial de computadores e os chefes de Estado e burocratas que escolhem as artes, os livros e a ciência como inimigos e passam a sucatear às instituições de guarda de memória, por meio de desincentivos fiscais e do desprestígio social, buscando fazer com que as instituições fiquem em estado de inanição. São capazes de aniquilar milhares de documentos em apenas um ataque ao conhecimento sem a necessidade de darem um tiro sequer.

A atualidade do livro demonstra a urgência de criar-se mecanismos que protejam as instituições de guarda de memória. Mudam-se os algozes, atores e suas colorações que colocam como alvo as bibliotecas. Porém, há a solta no ar da opinião pública, uma retórica bélica de negacionistas que atacaram deliberadamente cientistas no contexto da Pandemia de COVID-19 e de militantes de extrema-direita ao redor do globo, que cerceiam bibliotecas.<sup>5</sup> Os ataques têm colado novamente bibliotecas e arquivos no centro da discussão do debate público na constituição do Estado e de seu tecido social, para garantir que a memória não seja tolhida.

Mesmo com as tentativas de eliminar fontes de conhecimento, encontrou-se resistência. Judeus conseguiram garantir que parte de sua memória e de sua cultura fossem salvos. O acervo da biblioteca nacional da Bósnia e Herzegovina, possui cerca de três milhões de itens.<sup>6</sup> Existem iniciativas que propõem guardar documentos nativamente digitais para a posteridade, salvando a memória digital e ajudando em sua difusão nos meios *online*.

Apesar da persona da destruição acompanhar o livro, Ovenden demonstra que as bibliotecas são lugares de resistência. Ao demonstrar os esforços para a preservação de livros e pelo empenho em descobrir elementos do passado, como na Biblioteca de Nínive, propõe ao leitor uma reflexão sobre que tipo de sociedades queremos e como, enquanto sociedade, conseguiremos garantir o direito à memória. Ao demonstrar que as instituições são locais de resistência, o autor permite aos leitores concluírem, que esses enfretamentos e tensões sempre ocorrerão – e que as instituições sempre buscarão maneiras de enfrentar seus algozes. No fundo, a obra de

<sup>5</sup> Países com democracias consolidadas como os Estados Unidos, vêm sofrendo com ataques a bibliotecas. Bibliotecários vêm denunciando censura a livros e perseguição locais. A jornalista Lauren Mechling publicou no periódico britânico *The Guardian* realizou extensa reportagem sobre os casos em longa matéria intitulada “‘We’ve moved backwards’: US librarians face unprecedented attacks amid rightwing book bans” em setembro de 2022.

<sup>6</sup> De acordo com levantamento realizado Centro de Estudos Eslavos e do Leste Europeu, comandado pela professora Ksenya Kiebzinski na Universidade de Toronto, sediada no Canadá.

Ovenden é uma carta de amor ao ato de guardar, preservar e difundir o conhecimento.

### Referências bibliográficas

CASTRO, Ruy. Tente apagar um papiro. 2023. *Folha de S. Paulo*. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/ruycastro/2023/10/tente-apagar-um-papiro.shtml>>. Acesso em 17 de outubro de 2023.

CORRÊA, Felipe Botelho. Em busca do elo perdido. 2023. *Revista piauí*. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/materia/maricela-ayala-falcone-saga-para-resgatar-historia-dos-maias/>>. Acesso em 14 de janeiro de 2023.

DARNTON, Robert. A questão dos livros: passado, presente e futuro. Companhia das Letras. São Paulo, 2010, 232p.

MECHLING, Lauren. 'We've moved backwards': US librarians face unprecedented attacks amid rightwing book bans. 2022. *The Guardian*. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/books/2022/sep/20/librarians-banned-books-attacks-library>>. Acesso em 14 de janeiro de 2023.

OVENDEN, Richard. *Burning the Books: A History of the Deliberate Destruction of Knowledge*. Harvard University Press, 2020, 308 p.

SLAVIC and East European Resources. Universidade de Toronto. Disponível em: <<https://guides.library.utoronto.ca/c.php?g=250677&p=1671492>>. Acesso em 14 de janeiro de 2024.

VIERICK, Scott. The Capitol Has Fallen! When the British Burned the Capitol Building. History Associates Incorporated. Disponível em: <https://www.historyassociates.com/the-capitol-has-fallen/>. Acesso em 14 de janeiro de 2024.